

O MUNDO NO MEDIEVO: EXPERIMENTOS EM ENSINO HISTÓRIA MEDIEVAL NO BRASIL

The world in medieval times: experiments in teaching medieval history in Brazil

Christine Dabat

Departamento de História (UFPE)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5715-7098>

E-mail: christine.dabat@ufpe.br

Recebido em: 03/03/2021

Aprovado em: 05/06/2021

Resumo: Em que medida o ensino sobre a Idade Média pode abrir horizontes de interpretação não eurocêntrica da história para jovens brasileiros. Nas páginas a seguir, serão evocadas algumas tentativas de descentralização do olhar em relação aos roteiros predominantes na historiografia em português. Neste sentido, balizas podem ser colocadas a partir de questionamentos sobre o evolucionismo cultural, por meio de instrumentos simples e acessíveis como mapas e documentos medievais que facilitam o relativizar de assunções corriqueiras. Por sua vez, tais perspectivas permitem reconsiderar também a história de outros períodos e espaços de forma a ganhar em liberdade em relação ao eurocentrismo vigente até na academia, portador de subalternidade intrínseca para quaisquer outros espaços, inclusive o Brasil. A Ásia, por exemplo, oferece materiais ricos e úteis para jovens cidadãs e cidadãos do século XXI.

Palavras-chave: história medieval; eurocentrismo; história da Ásia.

Abstract: How far can the teaching of medieval history open horizons of non-eurocentric interpretation for young Brazilians. Some trials will be mentioned here as far as a changing of focus in relation to usual materials available in Portuguese. Thus, landmarks can be established in opposition to cultural evolucionism, using simple and accessible tools such as medieval maps and documents. Hence, it is possible to relativize mainstream assumptions. Such perspectives permit also reconsider the history of other periods and regions, therefore liberating the approach of eurocentric norms which intrinsically condemn non-european areas to subalternity, including Brazil. Asia, for example, offer rich materials useful for these young citizens of the XXIst century.

Keywords : medieval history; eurocentrism; history of Asia.

Patrick Boucheron, Professor no Collège de France desde fins de 2015, ganhou fama com o grande público ao ser convidado, em 2009, por Jacques Le Goff (1924-2014), no seu histórico programa de rádio no canal France Culture, “Les lundis de l’histoire”. O assunto era o lançamento do livro que organizara: “História do Mundo no XV século”.¹ Esta iniciativa, então bastante original, valeu-lhe a atenção do grande medievalista pela ousadia da proposta.

Como o notou o geógrafo Christian Grataloup,² a introdução da obra reunindo muitos especialistas, “Les boucles du monde: contours du XVe siècle” - ilustrada, em perfeita coerência com o texto, por um mapa de navegação das Ilhas Marshall - evoca um episódio climático.³ Desde o início, portanto, o autor estabelece a escala em que quer conduzir a coletânea com contribuições sobre os diversos continentes. Em particular, ele realça a importância “deste vasto espaço mundializado que é o oceano Índico, onde confluem as duas bacias comerciais do Mediterrâneo e do Mar da China”.⁴ Ou seja, surpreendentemente para o público europeu – e talvez brasileiro – o centro do mundo não estava, naquele final de Medievo, na Europa, menos ainda na sua fachada atlântica.

O despertar de uma historiografia mundializada e não eurocêntrica beneficia-se, como o realça Boucheron, do aporte e desafios das *subaltern studies* e *post-colonial studies*. Numa obra subsequente, que levou a bastante controvérsias nos círculos intelectuais parisienses, ele propôs, com muitos contribuidores também (sobretudo jovens historiadoras-res), uma “História mundial da França”.⁵

Num país – o meu – em que a história, aliás como na China, é assunto popular e facilmente tornada argumento, a evolução das ideias e instituições é lenta, o que permite desafiar sua exemplaridade muitas vezes inquestionada/vel. Assim surpreende que, apenas em época muito recente (2019), foi inaugurada uma cátedra de “História e arqueologia dos mundos africanos” no Colégio de France, quando a de sânscrito o foi em 1814.⁶ O seu presente titular, François-Xavier Fauvelle,⁷ autor de uma obra famosa “O Rinoceronte de Ouro”, coloca nitidamente o foco em questões conceituais importantes, no relato de seus trabalhos arqueológicos. Assim, o capítulo “Isto não é uma cidade: a respeito da capital de Ghana”.⁸ exemplifica o peso das ideias preconcebidas, culturalmente reforçadas, frente a fatos inegáveis. Descrevendo com detalhes e mapa a escavação de Kumb Saleh, o arqueólogo comenta: “Esta

convergência entre fontes escritas e arqueológicas bastaria, em qualquer outro lugar, a decidir que o sítio descoberto no trabalho de campo, é mesmo o da capital mencionada nos textos. »⁹

Dois especialistas do medievo, portanto, cujas obras portam sobre âmbitos geográficos bem distintos, abrem discussões, inclusive conceituais para abastecer perspectivas inovadoras e úteis. O fato que ambos se demarcam da perspectiva eurocêntrica pode ser útil para perspectivas no ensino da história no Brasil. Se os próprios europeus conseguem se desapegar dos rumos herdados, quanto mais historiadorxs e professorxs brasileiroxs. Descentrar o olhar é uma necessidade frente às linhas de força do século em curso, que será da Ásia.

O medievo como oportunidade

São muitos os assuntos relativos ao medievo que permitem um olhar crítico e de abertura sobre assuntos e mesmo categorias e conceitos como o uso de “feudal”, inclusive na literatura marxista.¹⁰ Assim, se Jacques Heers afirma que ‘feudal’ é injurioso na linguagem comum, na academia não é muito mais distinto. Nota-se um uso que chamaria de político, como a designação da Índia ou China como feudais em períodos coloniais. O eurocentrismo conceitual afirma assim a superioridade intrínseca do espaço europeu, aliás uma pequena porção dele apenas, basicamente o noroeste do continente – ou seja uma península da Ásia! – a ‘banana azul’ cara aos geógrafos.¹¹

As discussões em torno destas iniciativas assim como as novas propostas historiográficas de Romain Bertrand, por exemplo, com a “história em partes iguais”,¹² já presente no PPGH da UFPE, evidenciam o quanto a crítica ao eurocentrismo em história está no coração de debates que renovam utilmente a disciplina em qualquer nível. Tais tentativas respondem a preocupações no sentido de aperfeiçoar a formação em história. Estes esforços se articulam obviamente também com dimensões políticas, respondendo a ansiedades de muitos cidadãos de vários países, inclusive no Brasil. Assim o prova, o sucesso da arguição de Shashi Tharoor no Oxford Union¹³ (em 14 de julho de 2015) que desembocou num livro de grande audiência *Uma era de escuridão: o Império Britânico na Índia*.¹⁴ Um fenômeno reflete, sem dúvida, impaciências da juventude frente a modas antigas, impregnadas de perspectivas coloniais, no ensino da

história: ela se mobilizou ao baixar, aos milhões numa noite, os treze minutos da fala do diplomata e historiador indiano no célebre grêmio estudantil.

Contra o eurocentrismo em história para os jovens brasileiros: a história medieval como instrumento

A Europa tem preconceitos historicamente cristalizados, obviamente muito ligados a seu passado colonial, imperial diria Timothy Snyder. A história¹⁵ (evolucionista cultural) serviu, depois da religião, a justificar a colonização do globo inteiro (ou quase). O professor de Ciência Política, Pierre Conesa brincou recentemente, numa entrevista em France Culture, dizendo a respeito dos Europeus: “Estamos acostumados a considerar a terra é plana e que estamos no centro, portanto, efetivamente, a visão que temos do mundo seria a mais justa”.¹⁶

Que europeus acreditem mesmo brincando, nesta balela seria compreensível em virtude do umbilicalismo banal – “Y en a point comme nous”, gozam os helvetas. Mas que isto contamine – em seu desfavor – os jovens brasileiros do século XXI até nos programas de ensino, não faz sentido algum, a não ser ideológico. Pois, as implicações são negativas. Um “passado” enobrecido, mas exógeno, inalcançável.

Ora, mais do que outros períodos, talvez, a época medieval oferece instrumentos para se desfazer inclusive conceitualmente, senão do evolucionismo cultural como um todo, pelo menos de suas versões mais estreitas embutidas nos lugares comuns do eurocentrismo. Com efeito, na visão clássica, é um período atípico, embora um dos “quatro pilares do tempo”, apelação crítica do sinólogo Jean Chesneaux,¹⁷ todos situados na península europeia, o que permite um exercício demonstrativo num mapa. Nenhum dos parâmetros habituais de “avanço” das sociedades – fenômeno urbano, letrismo, o Estado tipo romano etc. – estão dominantes, pelo menos na parte ocidental do continente.

Por ser um campo menos visado em termos de peso demonstrativo na história oficial, evolucionista, ou mesmo, até certo ponto, um contraexemplo, o período medieval – reputado de “estagnação, retrocesso, trevas”, palavras comuns, às vezes, repetidas infelizmente na academia por não medievalistas – permite, portanto, certa liberdade para considerar questões cabais na disciplina.

“Para uma outra Idade Média”¹⁸

Em primeiro lugar, pode se reabilitar o período e sua fama da avaliação binária: o que a exalta – a religião, o cavalheirismo, o amor cortês – e a infinita quantidade de aspectos negativos: violências de todas as ordens, atraso econômico e técnico, anarquia em termos políticos. Que, depois do século XX, de duas guerras oficialmente mundiais e do holocausto, genocídio armênio e dos Tutsis, ousa-se afirmar que períodos anteriores como sendo “extremamente violentos”, lembra o ditado popular do sujeito falando do mal lavado.

Quanto aos ‘atrasos’... podem ser desmontados com os óculos, botão, moinhos e provas arquitetônicas óbvias: as catedrais. É um esporte de combate, afirma o medievalista francês Joseph Morsel¹⁹. Mas pode ser efetuado com alguma boa vontade para assuntos pouco evocados; explicar a gestão coletiva muito desenvolvida no meio urbano e rural, como para a atribuição da água nos sistemas como aquele de Ensérune, por exemplo.

A própria definição do período, mesmo na península europeia, levou a grandes debates. Jacques Heers comenta a respeito:

Uma das nossas grandes satisfações (a nós historiadores) é poder julgar o passado. O historiador talvez não tenha mais capacidade para isto do que outros, mas ele se coloca como exemplo; ele distribui sem hesitar repreensões e louvores. Descrever, analisar, explicar, isto deixa insatisfeito e revela-se finalmente pouco atraente; o que interessa é tomar partido, condenar os maldosos, despejar toda infâmia neles frente aos olhos da posteridade e, ao contrário, exaltar as maravilhosas virtudes dos sábios.²⁰

Portanto, é possível desconstruir as imagens negativas do campo de estudos medievais com alguma ambição (na minha modesta experiência) de corrigir preconceitos nitidamente anacrônicos, situando-os no tempo. Assim, o Iluminismo inventou muitas lendas negras²¹ sobre o período medieval. Afinal de contar, era necessário evidenciar trevas para garantir o brilho das autoproclamadas ‘Luzes’, por contraste.

Um passo nesta direção é questionar a nomenclatura e sua datação, enfatizando seus nítidos propósitos políticos: o “gótico” atribuído maldosamente, no Renascimento, ao estilo arquitetônico chamado por seus proponentes de “Arte de França”. Aliás, os Tempos Modernos firmaram a periodização, não mais em termos filológicos (para os diversos tipos de latim), mas societais.²² O séculos XVIII e XIX abundam em exemplos do tipo.

Assim, um exame da imprensa permite exemplificar o uso frequente de “vândalos” e “vandalismo”, para destruições voluntárias. Historicizar o epíteto revela-lhe o propósito incoerente com os fatos: o termo “vândalo”, nessa acepção, foi utilizado por Voltaire, em 1732, e “vandalismo” em 1793 pelo abbé Grégoire,²³ quando o último rei vândalo Gelimer foi derrotado e preso, tocando a lira e declamando poesia, em 534 pelos bizantinos comandados por Belisário.

Medieval não designa mais apenas uma época, não define mais ou menos um contexto cronológico, mas é tomado como um qualificativo que se situa numa escala de valores, permitindo julgar e condenar. É sinal de obscurantismo, de realmente ultrapassado, objeto de desprezo ou de virtuosa indignação. Pode ser, e tornou-se, de fato, uma espécie de injúria.²⁴

Demonstrar estes usos nada inocentes a respeito da própria Europa pode encorajar o olhar crítico sobre outros vocabulários, banalizados pela repetição, sem perder de seu peso ideológico. Ou seja, trata-se de apontar o escrever a história como elaboração situada no tempo e no espaço, portanto passível de interpretações refletindo relações de forças, diria Ginzburg.²⁵

Vale também ressaltar aspectos propriamente instrumentalizados quando não manufaturados por forças políticas precisas, como foi muito o caso no século XIX, na elaboração dos romances nacionais.²⁶ Jean-Frédéric Schaub escreveu a respeito “do processo de mitografia historiográfica do XIX século” e mostra como, para a “fábrica do passado bárbaro das nações”,²⁷ precisa remontar ao século XVI, quando o “bárbaro” é identificado do outro lado do Atlântico. Paralelos diversos podem ser traçados, como: A Canção de Rolando e o Ciclo da Cana-de-Açúcar: dos usos das literatura na construção da história oficial.²⁸

A definição temporal

Le Goff, embora bastante clássico senão na abordagem, pelo menos na interpretação no sentido das relações com espaços não europeus,²⁹ demonstrou mais uma vez sua generosa visão da historiografia ao acolher também, por exemplo, a obra seminal de Josep Fontana na série que organizou “The Making of Europe”,³⁰ obra para a qual ele escreveu um prefácio.³¹

Sua visão própria do período define assim o Medieval, que poderia ser ligeiramente alterado em “senhorial”, seguindo Fourquin:³²

Se para mim o coração da Idade Média está sempre situado nos três séculos e meio que vão do ano mil até a peste negra, teria agora mais tendência a ressituar esta Idade Média curta numa Idade Média longa que iria mais ou menos do III séc. até a metade do século XIX, um milênio e meio cujo sistema essencial é aquele do feudalismo, embora se deva distinguir fases às vezes fortemente contrastadas.(...) Embora se tenha exagerado, ao meu ver, o brilho dos Renascimentos (o dos Carolíngios bem como aquele dos humanistas), o do séc. IX e o do séc. XVI, o século de Carlo Magno e o século de Carlos Quinto, para falar como Voltaire, são tempos de renovação. Mas o essencial é, para a Cristandade latina, este longo equilíbrio do modo de produção feudal dominado pela ideologia cristã, que se estende do fim da Antiguidade clássica até a Revolução Industrial, não sem crises e inovações.³³

Para historicizar as próprias visões e qualificações do medieval habitual, Patrick Boucheron oferece, nas suas aulas no Collège de France, um guia articulando estes debates com preocupações mais contemporâneas como a pós-verdade. Assim, ele reitera a “arqueologia”, no sentido Foucaultiano, do estudo dos “regimes de verdade”. E se exclama contra:

A ideia que as pessoas fazem do medievo é que ele seja inteiramente tetanizado por uma fé obtusa e nula. Se a modernidade é a filosofia do desencanto do mundo, precisamos, para nos acharmos modernos, projetar sobre o passado medieval um interior (*arrière pays*) da crença da qual nós nos pensamos libertos.³⁴

Ora, continua o professor, não é inútil visitar este país da crença.

Estes embates podem surpreender os alunos. Garante-lhes não só a liberdade de opinião, respeitando os fatos, mas exemplos de opções interpretativas que lhes abrem horizontes para repensar. É sempre bom mostrar a gênese dos preconceitos à luz de obras que assinalam, não apenas a construção do período pelo Iluminismo e do século XIX, com seus abusos do medievo, por exemplo, nas cerimônias de entronização do vice-rei das Índias, descritas por Cohen.³⁵ O sinólogo Jean Chesneaux, em *Du passé faisons table rase*, questiona, também, a pregnância do eurocentrismo, na própria periodização, bem como seu papel ideológico.

A Idade Média é também ideológica. No essencial é uma Idade Média cristã; ela fornece, portanto, a ocasião de exaltar os valores da “civilização cristã”: família, realeza, cruzadas, cavalaria; todo um vocabulário tenaz. Esta Idade Média é ideológica, na origem do termo mesmo: uma “longa espera”, “uma idade intermediária entre a Incarnação que colocou um termo à Antiga Lei e o dia abençoado do Reino de Deus que esperamos”(M. Bloch). Fazer da Idade Média uma das categorias de base da História Universal perpetua o prestígio e o ascendente dos setores do catolicismo conservador e da Igreja: a civilização cristã da qual eles se autoproclamam herdeiros assim é promovida ao estatuto de um dos quatros pilares do próprio tempo.³⁶

Todos os aspectos do amplo programa da disciplina podem assim serem colocados em perspectiva histórica e historiográfica. Procura-se assim, sair das obviedades habituais para suscitar uma curiosidade aberta em termos temáticos, mas também geográficos por parte do alunato. Cada ponto procura evidenciar uma problemática que não é específica ao período.

Um mundo em T-O

Frente a gerações muito costumeiras da modalidade imagética, alguns instrumentos úteis para um ensino da história medieval libertada do eurocentrismo (ou pelo menos crítica em relação a ele) são fornecidos pela cartografia. Pois, o medievo – mesmo concebido na forma estreita da península europeia – permite estranhamentos férteis para repensar o mundo e sua história de maneira mais livre, desfazendo-se dos roteiros pré-fabricados.

As representações iconográficas medievais do mundo – sejam elas ocidental europeia, bizantina, islâmica ou mesmo chinesa – garantem um recuo salutar em relação

aos mapas habituais nos atlas escolares. Com a banalização e liberdade de acesso a imagens satélites, é curioso notar a persistência, no Brasil, da orientação valorizando o Norte nos mapas, inclusive aqueles utilizados no mundo acadêmico. Afinal, docentes e discentes estão no hemisfério Sul!³⁷ E apesar dos nobres esforços da Sociedade dos Geógrafos Brasileiro que, há anos, defende a orientação dos mapas do Brasil para o Sul, o costume persiste.³⁸

‘Orientar’, de ‘Oriente’, o ponto cardeal privilegiado pelos cristãos latinos medievais, em razão de sua situação geográfica em relação ao centro de suas atenções mundanas e espirituais: Jerusalém, a Leste de seu espaço. Este preceito determinava precisamente, a orientação das igrejas – “o branco manto de catedrais” segundo Raul Glaber – com o coro para o Leste. A arqueóloga medieval Gabrielle Démian d’Archimbaud, professora na Universidade de Aix-en-Provence, me mostrou, em campanhas de escavação numa necrópole perto de Rougiers, como poderia também impactar o posicionamento dos restos mortais do século XIII no foco da pesquisa: sem poder definir a data do sepultamento, a inclinação do corpo dava indicação da estação do ano em que ocorreu o óbito.

Quanto aos famosos cartógrafos muçulmanos, eles orientavam preferencialmente seus mapas comportando a península arábica³⁹ ao Sul, na direção de Meca (Al Idrissi, entre outros). Além da orientação, as opções estéticas e decorativas também são passíveis de debates e hipóteses, quando, por exemplo, é figurado alguma passagem física (rio, montanha etc.) entre a Jerusalém terrestre e a celeste, a presença desenhada de Adão e Eva – com a serpente! – assegurando a correta interpretação da imagem.

Assim, o espaço não conhecendo cima e baixo, a demonstração que sua representação pode seguir padrões diversos já é um avanço. Outro passo no debate em sala de aula pode consistir na discussão da projeção. Criticar a de Mercator, utilizada até hoje em tantos atlas, às vezes, sem a presença da Antártica, o que “privilegia” o hemisfério norte,⁴⁰ novamente, dá oportunidades de debates sobre as implicações ideológicas ou políticas da escolha. Por outro lado, a projeção de Gall-Peters, ainda mais com orientação para o Sul, oferece uma paisagem bem diferente. Ferventes praticantes das imagens, os alunos gostam da brincadeira, à qual sites da internet contribuem com propostas pronas a suscitar discussões. Assim Therealmap⁴¹ ou Thetruesize:⁴² quantos grandes países cabem na África!

Como já o denunciou Eduardo Galeano, no seu livro “Ser como Eles”, no item “Usurpação da realidade”:

Até o mapa mente. Aprendemos a geografia do mundo num mapa que não mostra o mundo como ele é, e sim como seus donos mandam que ele seja. No planisfério tradicional, o que se usa nas escolas e em todas as partes e, o Equador não está no centro: o norte ocupa dois terços, e o sul, um. (...) A América Latina ocupa no mapa-múndi menos espaço que a Europa e muito menos que a soma dos Estados Unidos e Canadá, quando na realidade a América Latina é duas vezes maior do que a Europa e bastante maior do que os Estados Unidos e o Canada.⁴³

Sua conclusão é digna de debate: “O mapa que nos diminui, simboliza todo o resto. Geografia roubada, economia saqueada, história falsificada, usurpação cotidiana da realidade: o chamado Terceiro Mundo, habitado por gente de terceira, ocupa menos, come menos, recorda menos, vive menos, diz menos.”⁴⁴

O “outro”

A definição do “outro” na tradição ocidental, quase que ontológico e de sua construção ideológica, pode ser evidenciada a partir da visão romana (ou seria melhor dizer, as visões romanas) a respeito dos chamados “bárbaros”. O alargamento desta herança ao novo mundo é bem-conhecida. Portanto, é muito instigante desafiar o alunato a um exame das fontes escritas – romanas - disponíveis, de Tácito a Amiano Marcelino⁴⁵ e Isidoro de Sevilha ou Jordanes. Ao instigar uma incipiente análise do discurso – quem fala; para quem; por quê; qual a distância temporal entre o descritor e o descrito etc. – pode se desconfiar dos europeus que descrevem, por exemplos, os donos da terra, aqui no Brasil. Como o sublinha Robert Irwin, na sua controvérsia com a obra de Edward Said, *Orientalismo*⁴⁶:

Quando se considera os grande proconsuls imperiais, tais Lord Curzon ou Lord Cromer, sua perspectiva (mindset) e a maneira como eles pensavam as populações autóctonas que governavam, devia mais a sua leitura de César, Tácito ou Suetônio do que uma familiaridade substancial com os textos dos orientistas.⁴⁷

Obras recentes e antigas oferecem amparo importante neste sentido, embora não sejam sempre aquelas escolhidas para tradução (Salviano, por exemplo).

Felizmente pesquisadores brasileiros permitem, cada vez mais, enveredar por caminhos menos convencionados, como revisitar a história nacional pode se beneficiar de horizontes doravante abertos com muita perícia e seriedade. O exercício de deslilar os olhos dos chavões eurocêntricos pode ser estimulado por estudos sobre Germanos, Vikings ou Mongóis, talvez sobretudo a partir do mundo islâmico. Seguindo Beatriz Bissio sobre Ibn Battuta e Ibn Khaldun,⁴⁸ ou de François-Xavier Fauvelle. Com efeito, como o evidenciou o grande medievalista Philippe Sénac,⁴⁹ o “outro” por excelência da modernidade europeia até hoje, o Islão, não o era na época medieval.

Em termos de preconceitos, essa história reflete também vieses e correntes políticas virulentas que persistem na Europa sob roupagens diversas. O Iluminismo detestou o Islã, é porque até o fim do século XVII, o Império Otomano acampava nas portas de suas capitais (Viena... Que nos valeu, apreciam os alunos, o croissant acompanhando o café com leite e açúcar do desjejum). A época atual não consegue apaziguar os obstáculos somados pelo colonialismo. A projeção para o passado de tensões muito posteriores não faz sentido algum do ponto de vista da história, mesmo dentro da própria Europa. Assim, que jovens brasileiros aprendam, em vez do passado islâmico deste continente, a “ocupação árabe” da península ibérica – versão franquista! – só pode ter tons políticos no mínimo... anacrônicos, como o sublinha Brian Catlos em *Kingdoms of Faith*.⁵⁰

Claude Liauzu demonstrou, em *Império do Mal contra o Grande Satã: treze séculos de guerra entre o Islão e o Ocidente*,⁵¹ o processo desta negação relativamente recente – e não contemporânea dos fatos - do passado europeu islâmico. As consequências são dramáticas até hoje desta amnésia organizada, diria Gérard Chaliand.⁵² A importância da concomitância ou assincronismo dos fatos e de sua interpretação é cabal. Assim, Robert Irwin⁵³ teve muita facilidade em apontar as falhas na obra marcante de Edward Said, *O Orientalismo*.⁵⁴

Alguns alunos de graduação investigaram esta interface, seguindo os passos de grandes medievalistas como Philippe Sénac e Dominique Iogna Prat. Assim, Lucas Bittencourt debruçou-se sobre os romances de cavalaria e a imagem do sarraceno que projetavam e projetam até hoje. Suas pesquisas continuaram na USP, resultando na

dissertação *Par penitence les cumandet a ferir: a legitimação do combate contra os pagãos na Chanson de Roland e na Chanson de Guillaume* (2010), sob a orientação do Professor Marcelo Cândido, seguia a monografia *As origens nórdicas do arquétipo do cavaleiro através das grandes obras épicas medievais* (2005).

Por sua vez, Albino Mário Santos Dantas debruçou-se sobre aspectos das trocas intelectuais no âmbito filosófico: *O continuismo filosófico Arabico-muçulmano no Mundo Cristão do Século XII* (2005).⁵⁵ O Professor Gibson Monteiro da Rocha publicou no mesmo volume um artigo que prefigurava seu percurso de pesquisador, até o doutorado com uma temporada de estudos na Itália: “O mal-estar de uma recepção: ascensão islâmica na Divina Comédia”.⁵⁶

Além dos “outros” outros, por assim dizer, é interessante chamar a atenção sobre a exclusão de semelhantes que foram tornados “outros” pela historiografia bem mais recente, ou seja, da época das Luzes em diante. Sem falar dos “heréticos”, sejam eles albigenses ou franciscanos espirituais, é notável que a história oficial eurocentrada resolveu ignorar seu passado bizantino, “um galho morto”, segundo a expressão de Carol Bark.⁵⁷

Embora cristã e de tradição romana (nas leis, por exemplo, aliás se chamavam de Romanoí, o que nos deu paradoxalmente talvez, o sultanato de Rum), com uma sociedade fortemente urbanizada e letrada, qualidades geralmente valorizadas, ela foi excluída dos que chamei de “ancestrais escolhidos” na migração para o ocidente do *Zeitgeist* que Hegel deixou de herança à disciplina. “Depois” do Egito e da Grécia, “vem” a Roma antiga e finalmente o Noroeste da península onde a disciplina se sedentariza, na ‘banana azul’ com suas extensões norte-americana quiçá japonesa (sobretudo depois do tratado de Shimonozeki que “enbranqueceu” a potência vitoriosa da Rússia, até mesmo para o governo brasileiro⁵⁸). Ora, Bizâncio goza de todos os apetrechos acima listados cuja falta é razão da sentença de exclusão dos “outros” – Germanos ou Ameríndios.

Aliás, Bizâncio oferece vários aspectos interessantes. Assim, sua recusa da guerra santa e a forma como privilegiou – como a China Tang, sua contemporânea – a negociação, compra ou cativação por meio de casamentos hipergâmicos com princesas bizantinas para potências ameaçadoras como a Rússia (Ana, irmã do basileus, tentou muito evitar esta sorte mas teve que se render à razão de Estado e casar com Vladimir

de Kiev). Segundo Philippe Buc, autor de um livro muito desafiador, *Guerre sainte, martyre et terreur. Les formes chrétiennes de la violence en Occident*, Bizâncio escolheu uma via bem diferente daquela dos europeus ocidentais, como testemunha o espanto de Anna Comneno frente à chegada dos cruzados, que ela chama de ‘celtas’, na tradição grega.

Embora a dimensão religiosa do poder imperial seja evidente [...] o consenso historiográfico prevalecente quer que os Bizantinos não conhecessem a guerra santa. [...] O discurso bizantino via na paz um bem supremo, ao contrário do ocidente em que guerra e paz estão em dialética.⁵⁹

A virada que o ocidente operou no século XI, estudado com perícia por Alphanbéry e Dupront,⁶⁰ de transformar a guerra em meio de redenção (o fenômeno é fácil de situar, entre a batalha de Hastings e a primeira cruzada), lhe é própria.

Em suma, a disciplina História medieval é passível de propor uma reflexão sobre esta construção de um “outro” que varia no tempo e no espaço. Como para a cartografia, o descentramento do olhar favorece a liberdade de pensar a matéria histórica.

Liberdades medievais, e a questão de gênero

Entre os assuntos que podem provocar debates interessantes com os alunos, questões sociais são ricas de possibilidades. A condição feminina, por exemplo, oferece possibilidades infinitas de debates. Um dos mais instigantes concerne o nascimento das universidades cuja consequente exclusão das mulheres do ensino superior é geralmente calada. Nascidas “à sombra das catedrais”, como o afirmou Duby,⁶¹ ou seja, âmbito do clero católico secular, elas eram reservadas por definição ao único sexo masculino.

Que a “reconquista” do ensino superior tenha levado séculos, até o fim do passado, é fator de espanto que suscita o interesse do alunato. A decadência do estatuto das mulheres, sua perda de capacidades jurídicas e cívicas foi acentuado com a modernidade, como o demonstrou amplamente Silvia Federici,⁶² entre outros. Isto levou a questionamentos sobre o próprio sentido do tempo por assim dizer. “Será que as mulheres tiveram um Renascimento?”, perguntavam autoras norte-americanas.

Precisamente, o papel da Igreja e mais precisamente do papel feminino na sociedade foi explorado por Letícia Detoni: “*Como os anjos no céu*”: *A castidade como projeto social* (2004).

A literatura serve muito bem de apoio para pesquisas como a de Maria Luiza Soares de Medeiros, intitulada “A Figura da Mulher na Laxdaela Saga: As Sagas e a Sociedade Escandinava Medieval como Possibilidades de Recurso Historiográfico e Didático para os Professores de História” (2021), pois, abre perspectivas para discussões muito atuais no âmbito das questões de gênero, definido por Joan Scott.⁶³ Alguns anos antes, Elaine Cristina Gomes da Cunha havia já tentado algo similar, desta vez, em relação direta com obras nordestinas, com uma monografia intitulada: “*A Glorificação da Paixão*”: *Em Busca do Mito de Amor de Tristão e Isolda em Fernando e Isaura de Ariano Suassuna* (2005).⁶⁴

Mais recentemente, Viviane Holanda Rangel apresentou a monografia *Christine de Pizan: A 'fundação da memória' feminina no auge da difamação misógina* (2017). Junto com Maria do Carmo de Oliveira da Silva Neta⁶⁵ e seu estudo da literatura de corte no Japão Heian, no seu TCC intitulado *Damas da Corte Japonesa na Literatura Heian: o caso do Livro do Travesseiro e do Conto de Genji* (2017) discussões muito férteis surgiram com as turmas sobre a forma de interpretar o longo prazo da condição feminina, inclusive entre as mais privilegiadas. Para mostrar a riqueza da produção sobre a história das mulheres, ainda numa época sem acesso fácil à internet, publiquei uma bibliografia comentada sobre o assunto: “Mas onde estão as neves de outrora?” Notas bibliográficas sobre a condição das mulheres no tempo das catedrais.⁶⁶

Ainda outro aspecto a propor para discussão é a capacidade dos mais explorados e oprimidos em negociar coletivamente os termos do contrato social, por assim dizer, ante litteram. As franquias, por exemplo: rurais antes de ser urbanas, ou exatamente contemporâneas o que modula o lema “*Stadtluft macht frei nach einem Jahr und einem Tag*”, pois, como o sublinha Le Goff, a cidade é também um espaço feudal. Mas também, as múltiplas organizações horizontais para a defesa militar, manutenção das muralhas ou gestão de recursos coletivos como a água para a irrigação. Obviamente, a raridade das fontes (sobretudo em português) torna o exercício um desafio. Mas debater sob o ângulo da cooperação entre camponeses e cidadãos fornece um ângulo de vista

fértil para pensar modalidades de organização de base, como o fez o laboratório Framespa na Universidade de Toulouse com aldeias marroquinas.

De certo modo, como Silvia Federici o sublinha muitas vezes, no seu livro “Calibã e a Bruxa”, algo das liberdades duramente negociadas entre classes na época medieval foi perdida na alvorada do capitalismo. Liberdades então, em vez de Liberdade, tal se inscreve no frontão dos prédios públicos das potências coloniais que desenvolveram uma capacidade infinita de negá-la, precisamente, ao maior número, dentro e sobretudo fora do território nacional, inclusive no Brasil.

Interessante também me parece enfatizar atitudes diversas da dominante em termos de classe, em espaços como Bizâncio, por exemplo, particularmente no que tange a eterna questão agrária. Com a mesma herança romana que o ocidente – e particularmente o peso das reformas de Diocleciano – o império bizantino, pelo menos até a dinastia dos Basílios, praticou uma política agrária digna de atenção. Se a questão agrária no Brasil permanece fantasmática – evocada sem ser realizada – os dirigentes Romanos do Oriente enfatizaram com constância secular a necessidade para o bem do Estado de manter a famosa “classe média no campo” que a imprensa até conservadora do início dos anos 1960 chamava de seus votos.⁶⁷

Curiosamente, qualquer que seja sua origem social, de extração humilde ou porfirogênita, os imperadores e as imperatrizes bizantinas manifestaram um zelo constante contra a concentração fundiária, distinguindo-se assim radicalmente do rumo adotado no ocidente. Pois, exerceram, séculos a fio, uma constante vigilância contra tendências à ‘feudalização’ – que seria mais propriamente chamada de ‘senhorialização’ – das relações sociais no campo.⁶⁸ Concebiam o poder dos magnatas uma ameaça permanente, na medida em que a reconstituição de grandes domínios pela aristocracia fundiária constituía potenciais rivais ao Estado e poder imperial. A rotatividade no trono por meio de usurpações fornecia mais um argumento, na medida em que grandes proprietários eram passíveis de manter exércitos poderosos, e nem sempre tão fieis ao imperador quanto Belisário a Justiniano. Donde uma preocupação pragmática em manter um numeroso campesinato livre, base da arrecadação fiscal e do recrutamento militar, assim como classes médias urbanas fonte de bons funcionários públicos. Este tipo de raciocínio é surpreendentemente atual.

A história das técnicas, das ciências e das artes

Além dos tópicos acima citados, uma temática me parece mais suscetível de oferecer pontes para outros continentes: a história das técnicas, ciências e artes. Quaisquer tradições coloniais os europeus estejam nutrindo ainda em relação aos territórios do além-mar – aliás, muito próximas dos preconceitos e medidas discriminatórias que o Estado francês, por exemplo, adotou sobretudo nos séculos XIX e XX para rebaixar e se possível extinguir a riqueza dos idiomas e culturas ditas ‘regionais’ ou ‘provinciais’ - não me parece justo incutir tais opiniões desfavoráveis a diversos mundos civilizacionais em jovens brasileiros do século XXI.

Assim, a Ásia e a África⁶⁹ tem papéis de ponta, segundo todas as avaliações (sejam elas demográficas ou econômicas, sem falar de tradições culturais milenares). Nas disciplinas obrigatórias da graduação e da pós-graduação, resolvi, portanto, alargar o campo geográfico, tratando com igual peso, além de Bizâncio e sua herdeira russa⁷⁰ e a Civilização Islâmica, alargando o espectro à China e ao Japão, e mais recentemente à Índia.

Da mesma forma, tentei retrazar as linhagens persistentes do desprezo pelo campesinato na civilização ocidental, uma singularidade que a comparação com a China torna mais peculiar para não dizer estranha. Contra a naturalização do mau-tratamento – concreto mas também na ideologia dominante – dos homens e das mulheres do campo, a história, inclusive a história medieval, tem um papel para revelar, quiçá combater o preconceito de classe e condição, como tentei ilustrar em “Linhagens literárias na representação negativa do campesinato”.⁷¹

A história da Ásia para repensar o olhar sobre a do Brasil

Precisamente, a disciplina Introdução à História da China contemporânea começou a ser oferecida no Departamento de História da UFPE há vinte anos. Na época, isto constituía certa ousadia pois a ascensão espantosa deste país no cenário internacional não era visível ainda. Seguindo os passos de meu orientador no mestrado, o Professor Jean François Billeter, da Universidade de Genebra, tento, desde então, fornecer algumas balizas importantes da longa história da China, particularmente antiga

e medieval, até de focar com maiores detalhes o período iniciando o Tempo da Humilhação.

Alguns alunos de graduação resolveram conjugar seu interesse pelo medievo e pela Ásia levando adiante projetos que lhes eram particularmente caros mas também extremamente exigentes. Angélica Louise de Souza Alencar, hoje mestra e doutora pela Universidade Sophia em Tokyo, foi uma das pioneiras. Seu entusiasmo pela cultura nipônica – embora não seja descendente em termos familiares – a fez enveredar pelo árduo caminho do aprendizado de uma língua e cultura completamente diferentes. À época, sem muito acesso à internet, a façanha era maior ainda. Ela escolheu, para o TCC, uma temática que provaria o ponta a pé de uma carreira acadêmica que culminou com a defesa de sua tese de doutorado em julho de 2020: “Encontro de Culturas: o pensamento feudal nipônico e a atuação da igreja reformada no século cristão japonês (1549-1650)” (2005). Um artigo oriundo deste trabalho foi publicado sob a título: “O Caminho do Guerreiro no Japão medieval”⁷² no volume *Cadernos de História* que organizei, intitulado *Espaços Medievais*.

Além de continuar seu próprio percurso acadêmico com muito sucesso, Angélica se dispus a me auxiliar na orientação de vários dos seus jovens colegas. Assim, estimulou e ajudou Maria do Carmo Oliveira da Silva Neta na elaboração de seu TCC acima mencionado. Outro graduando que se beneficiou das luzes e dos encorajamentos de Angélica foi Fábio Marcelo de Albuquerque Melo Júnior que realizou um trabalho muito original sobre uma igreja de origem japonesa. Sua monografia se intitula: “Tenrikyo: Vivência da salvação e abordagem histórica – Um caso da Igreja Tenrikyo Hoyo do Nordeste” (2019). Afirmando também a conexão com Pernambuco, através migrantes japoneses no Nordeste, Túlio Luiz Andrade Lima Miranda redigiu. “A Primeira Onda do Oriente: questões históricas da primeira fase da imigração nipônica para o Brasil”(2013).

Quanto à China, os assuntos e períodos tratados em monografias de bacharelado e licenciatura, variam bastante para o período convencionalmente medieval ou início dos Tempos Modernos, já que a periodização habitual não condiz com a realidade histórica do continente. Os assuntos são muito diversos, desde “A cruz e o dragão. A presença jesuítica na China imperial (séc. XVI-XVIII)” de Anna Luísa Souza de Almeida (2007), até “Do Confucianismo ao Marxismo e do Marxismo ao Confucianismo: diferentes

papéis de Confúcio nas reformas educacionais chinesas da 2ª metade do século XX” (2018), de Daniel Tiago de Vasconcelos.⁷³ Em ambos trabalhos, a dimensão dos antecedentes medievais são importantes, seja na difusão do budismo na China, nos rastros do qual os missionários cristãos se espelhariam, seja na sucessão de neo-confucianismos que acompanham dinastias como os Song ou Ming.

Como Angélica Alencar, Víctor Hugo Luna Peres conseguiu alinhar TCC e mestrado numa mesma procura historiográfica. Ele compôs a monografia de bacharelado: *Os trabalhadores chineses do açúcar: dos dois milênios de produção em regime de economia familiar às ‘plantations’ caribenhas*⁷⁴. Em seguida, concluiu o mestrado com a dissertação intitulada: *Os ‘Chins’ nas sociedades tropicais de plantação: estudo das propostas de importação de trabalhadores chineses sob contrato e suas experiências de trabalho e vida no Brasil (1814-1878)*.⁷⁵ Suas publicações testemunham desta dimensão de relações internacionais, como, por exemplo, “Açúcares, Monges e Sutas: a introdução da sacaricultura na China Tang. Interações e trocas culturais no centro de uma “ordem mundial” pré-moderna”.⁷⁶

Débora Lopes do Rêgo enveredou por uma história técnica e ambiental, detalhando propostas da engenharia chinesa na desembocadura do Rio Amarelo: *‘Águas temidas, águas desejadas’: a gestão das águas do rio Amarelo do engenheiro Pan Jixun, 1565-1580* (2016). Recentemente, José Mateus Barbosa da Silva apresentou seu TCC intitulado *Olhares sobre o “outro” na corte mongol: relatos dos freis Rubruck e Plano Carpini como subsídio para o ensino da história medieval da Ásia* (2021), evidenciando questões conceituais do fazer historiográfico nestes encontros de culturas. As descrições dos religiosos ocidentais sobre uma sociedade cuja reputação de “bárbaro”, já fora milenarmente estabelecida na China embora de forma diferente, permite discussões muito bem abastecidas, por exemplo, pelo livro do bizantinólogo Peter Frankopan, *As rotas da seda*.⁷⁷

Embora, não seja um assunto medieval, a insistência da licencianda Juliana Marques de Almeida e sua paixão pelo cinema indiano me levaram a acompanhá-la na confecção do seu TCC intitulado: *A Independência dos Países no Subcontinente Indiano: O Retrato da Partição no Cinema Indiano para o Ensino de História* (2020). Foi também uma oportunidade para confirmar o veredito de Roger Pol Droit: “O esquecimento da Índia”⁷⁸ na minha prática em história medieval. Doravante, tento,

portanto, alargar o campo do ensino ao sub-continente indiano, sob a tutela da obra da medievalista Romila Thapar,⁷⁹ ampliando à toda a área de cultura. Novamente a história da arte permite explorações que também são revelações para o alunato de Kailasa a Angkor Vat e Borobodur.

A guisa de conclusão

Assim, de certo modo, o círculo dos aprendizados recíprocos entre docente e discentes se fecha, numa espiral que é cara à filosofia chinesa.

O despertar de curiosidades é um caminho em que os discentes se lançam tão mais alegremente que constatarem que – mantidas as regras do rigor acadêmico – eles têm liberdade para interpretar e reinterpretar os diversos testemunhos deste passado tão maltratado e abusado – ou ignorado – que é o medievo.

Referências bibliográficas

- ALPHANDÉRY, Paul & DUPRONT, Alphonse. **La chrétienté et l'idée de Croisade**. Paris: Albin Michel, 1995.
- ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities**. London: Verso, [1983] 1994.
- BARK, William Carroll. **Origens da Idade Média**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- BOUCHERON, Patrick (Dir). **Histoire du monde au XVe siècle**. Paris: Fayard, 2009.
- BOUCHERON, Patrick (Dir.) **Histoire mondiale de la France**. Paris : Seuil, 2017.
- BOUREAU, Alain. **Le droit de cuissage. La fabrication d'un mythe XIII-XXe siècle**. Paris: Albin Michel, 1995
- BUC, Philippe. **Guerre sainte, martyr et terreur. Les formes chrétiennes de la violence en Occident**. Traduction de Jacques Dalarun. Paris : Gallimard, 2017.
- CATLOS, Brian A. **Kingdoms of Faith. A New History of Islamic Spain**. New York: Basic Books, 2018.
- CHESNEAUX, Jean. **Du passé faisons table rase? A propos de l'histoire et des historiens**. Paris: Maspéro, 1976, p. 87.

- COHN, Bernard S. A representação da autoridade na Índia vitoriana. In: HOBSBAWM, Eric e RANGER T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, pp..
- DABAT, C. Rufino. A Canção de Roland e o Ciclo da Cana-de-açúcar: dos usos da literatura para a construção da história oficial. **Cadernos de História UFPE. Espaços Medievais**. 2009, v.5, N 5, p.117 - 139,
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/109989>
- DABAT, Christine. Linhagens literárias na representação negativa do campesinato. In: MONTENEGRO, Antônio Torres, GUIMARAES NETO, Regina Beatriz, ACIOLI, Vera Lúcia Costa (Orgs). **História, Cultura, Trabalho: questões da contemporaneidade**. Recife: EDUFPE, 2011, p. 153-175.
- DABAT, C. Rufino. Mas, onde estão as neves de outrora? Notas bibliográficas sobre a condição das mulheres no tempo das catedrais. **Cadernos de História UFPE. Gênero e História**. V.1, N. 1, 2002, pp. 23 – 68.
- DROIT, Roger-Pol. **L'oubli de l'Inde. Une amnésie philosophique**. Paris: Seuil, 2004.
- DUBY, Georges. **Féodalité**. Paris : Gallimard, 1996,
- FAUVELLE-AYMAR, François-Xavier. **Le rhinocéros d'or. Histoires du Moyen Age africain**. Paris:Alma, 2013.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. São Paulo: Elefante, 2019.
- FONTANA, Josep. **A Europa diante do espelho**. Bauru: Edusc, 2005.
- FRANKOPAN, Peter. **The Silk Roads. A new history of the world**. London: Bloomsberry, 2016.
- GALEANO, Eduardo. **Ser como Eles**. Rio de Janeiro: Revan, 1993
- GEARY, Patrick, J. **Quand les nations refont l'histoire. L'invention des origines médiévales de l'Europe**. The. Paris : Flammarion, 2004
- GEARY, Patrick, J. **La mémoire et l'oubli à la fin du premier millénaire**. Paris : Aubier, 1996.
- GRATALOUP, Christian. **Faut-il penser autrement l'histoire du monde**. Paris : A. Colin, 2011.
- GRATALOUP, Christian. **L'invention des continents. Comment l'Europe a découpé le Monde**. Paris: Larousse, 2009.
- HEERS, Jacques. **Le Moyen Age, une imposture**. Paris : Perrin, 1992

- IRWIN, Robert. **For Lust of Knowing. The orientalists and their enemies.** London: Penguin Books, 2007.
- LE GOFF, Jacques. **L'imaginaire médiéval.** Paris : Gallimard, 1985
- LE GOFF, Jacques. **L'Europe est-elle née au Moyen Âge?** Paris : Seuil, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **Pour un autre Moyen Age.** Paris : Gallimard, 1977
- LE GOFF, Jacques. **A la recherche du Moyen Age.** Avec la collaboration de Jean-Maurice de Montremy. Paris: Audibert, 2003.
- LIAUZU, Claude. **Empire du mal contre Grand Satan. Treize siècles de cultures de guerre entre l'islam et l'Occident.** Paris : A. Colin, 2005.
- MORSEL, Joseph. **L'Histoire (du Moyen Âge) est un sport de combat. Réflexions sur les finalités de l'Histoire du Moyen Age destinées à une société dans laquelle même les étudiants d'Histoire s'interrogent.** Paris : LAMOP-Paris I, 2007. mimeo.
- PATLAGEAN, Évelyne. **Um Moyen Age Grec. Byzance, IXe - XVe siècle.** Paris : Albin Michel, 2007.
- REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil. A História do Levante dos Malês em 1835.** Edição revista e ampliada, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- RUNCIMAN, Steven. **A Civilização Bizantina.** Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- SAID, Edward, W. **Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução Christine Dabat e Betânia Ávila. **Cadernos de História UFPE. Gênero e Trabalho.** V. 11, N. 11, 2016.
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/109975>
- SENAC, Philippe. **L'image de l'autre. Histoire de l'Occident médiéval face à l'Islam.** Paris : Flammarion, 1983.
- TERNON, Yves et Gérard CHALIAND. **1915, Le génocide des Arméniens.** Bruxelles: Complexe, 2^e éd. 2006.
- WELLS, Colin. **De Bizâncio para o mundo. A saga de um império milenar.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

Notas

- ¹ BOUCHERON, Patrick (Dir). **Histoire du monde au XVe siècle**. Paris: Fayard, 2009.
- ² GRATALOUP, Christian. **Faut-il penser autrement l'histoire du monde**. Paris : A. Colin, 2011, p. 81
- ³ Os efeitos da erupção do vulcão Kuwae, no Pacífico.
- ⁴ BOUCHERON, Patrick (Dir). Introduction. **Histoire du monde au XVe siècle**. Op. cit., p. 21.
- ⁵ BOUCHERON, Patrick (Dir.) **Histoire mondiale de la France**. Paris : Seuil, 2017.
- ⁶ DROIT, Roger Pol. **L'oubli de l'Inde. Une amnésie philosophique**. Paris: Seuil, 2004, p. 113.
- ⁷ <https://www.college-de-france.fr/site/francois-xavier-fauvelle/index.htm>
- ⁸ FAUELLE-AYMAR, François-Xavier. **Le rhinocéros d'or. Histoires du Moyen Age africain**. Paris:Alma, 2013, p. 81.
- ⁹ Idem, p. 85.
- ¹⁰ Na minha tese, dediquei algumas páginas ao assunto, já que o termo se encontra aplicado à zona canavieira de Pernambuco, na qualificação das relações de trabalho predominantes em certo período. Cap. 5.2. A tese feudal: o morador como servo. DABAT, Christine Rufino. **Moradores de Engenho. Estudo sobre as relações de trabalho e condições de vida dos trabalhadores rurais na zona canavieira de Pernambuco, segundo a literatura, a academia e os próprios atores sociais**. Recife: EDUFPE, 2007. 2ª edição revista 2012, p. 303-349
- ¹¹ Apresentação: Para que servem os Estudos Medievais?" **Cadernos de História UFPE. Espaços Medievais**. Vol. 5 No 5, Recife: EDUFPE, 2009, p. 7-15.
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/issue/view/1984>
- ¹² BERTRAND, Romain. **L'histoire à parts égales. Récits d'une rencontre Orient-Occident (XVIe-XVIIe siècle)**. Paris: Seuil, 2011. A obra foi objeto de muita atenção no Encontro de l'Histoire em Blois naquele ano.
- ¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=f7CW7S0zxv4>
- ¹⁴ THAROOR, Shashi. **An Era of Darkness. The British Empire in India**. New Dehli: Aleph Book Company, 2016. (A edição americana tem por título "Inglorious Empire".
- ¹⁵ BLAUT, James Morris. **The Colonizer's Model of the World: Geographical Diffusionism and Eurocentric History**. New York/London, The Guilford Press, 1993..
- ¹⁶ Entrevistado no dia 21.03.21 por Ghaleb Bencheikh, no programa "Questions d'Islam" a respeito de seu novo livro: **Avec Dieu on ne discute pas! Les radicalismes religieux: désislamiser le débat**. Paris: Robert Laffont, 2020. <https://www.franceculture.fr/emissions/questions-dislam/les-radicalismes-religieux-desislamiser-le-debat>. A frase é dita aos 32 minutos.
- ¹⁷ CHESNEAUX, Jean. **Du passé faisons table rase? A propos de l'histoire et des historiens**. Paris: Maspéro, 1976.
- ¹⁸ LE GOFF, Jacques. **Pour un autre Moyen Age**. Paris : Gallimard, 1977. **Para um novo conceito de Idade Média**. Lisboa : Estampa, 1993.
- ¹⁹ MORSEL, Joseph. **L'Histoire (du Moyen Âge) est un sport de combat. Réflexions sur les finalités de l'Histoire du Moyen Age destinées à une société dans laquelle même les étudiants d'Histoire s'interrogent**. Paris : LAMOP-Paris I, 2007. mimeo.
- ²⁰ HEERS, Jacques. **Le Moyen Age, une imposture**. Paris : Perrin, 1992, p. 10.
- ²¹ Só para citar um dos mais pitorescos mitos. BOUREAU, Alain. **Le droit de cuissage. La fabrication d'un mythe XIII-XXe siècle**. Paris: Albin Michel, 1995
- ²² Christoph Keller (1638-1707), autor de **Historia Medii Aevi a temporibus Constantini Magni ad Constantinopolim a Turcis captam deducta**. 1688.
- ²³ **Dictionnaire Etymologique Larousse**.
- ²⁴ HEERS, Jacques. **Le Moyen Age, une imposture**. Op. cit. p. 13.
- ²⁵ GINZBURG, Carlo. **Relações de força. História, retórica, prova**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ²⁶ ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities**. London: Verso, [1983] 1994.
- ²⁷ SCHAUB, Jean-Frédéric. Nous, les barbares. In : BOUCHERON, Patrick (Dir). **Histoire du monde au XVe siècle**. Paris: Fayard, 2009, p. 825.
- ²⁸ **Cadernos de História UFPE, V. 5, N 5, Espaços Medievais**. 2009, pp., 117-139.
- ²⁹ Com a exceção do Leste europeu, caro também por ter casado com uma polonesa. Mas escrever que as cruzadas não tiveram impacto notável sobre a Europa (na sua brilhante biografia de São Luís) é insustentável, quanto mais aqui, na zona canavieira!
- ³⁰ Traduzido em português como "A construção da Europa".
- ³¹ FONTANA, Josep. **A Europa diante do espelho**. Bauru: Edusc, 2005.

- ³² FOURQUIN, Guy. **Senhorio e feudalidade na Idade Média**. Lisboa: Ed. 70, 1987.
- ³³ LE GOFF, Jacques. **La civilisation de l'Occident médiéval**. Paris: Arthaud, 1984, p. 11.
- ³⁴ Na aula do dia 17.01.2017. Disponível em: <https://www.franceculture.fr/emissions/les-cours-du-college-de-france/fictions-politiques-2-la-verite-avant-apres> Acessado em 24.05.20.
- ³⁵ COHN, Bernard S. A representação da autoridade na Índia vitoriana. In: HOBBSAWM, Eric e RANGER T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, pp..
- ³⁶ CHESNEAUX, Jean. **Du passé faisons table rase? A propos de l'histoire et des historiens**. Paris: Maspéro, 1976, p. 87.
- ³⁷ O mapa ocidental ilustrando p. 14 o texto da introdução de Patrick Boucheron é orientado ao Sul, assim como o do Mediterrâneo no grande livro de Braudel sobre este mar na época de Felipe II. Ademais, o título é: "O mundo no século XV, 'visto da Oceania'", num sutil diálogo com o mapa de navegação da Micronésia acima referido.
- ³⁸ O argumento de um jovem colega, frente a esta argumentação, de que deveríamos ter mapas orientados para o Sul no Departamento, foi de afirmar que os alunos tinham dificuldades a usar mapas "normais" – o que verifico todo semestre, efetivamente – quanto mais se eles fossem orientados diferentemente.
- ³⁹ Não era o caso para mapas da Arménia, por exemplo, orientados para o Norte, uma orientação então muito rara na Cristandade latina.
- ⁴⁰ Pois, o equador não se encontra mais na metade da página.
- ⁴¹
- https://www.google.com/search?sxsrf=ALeKk02RrMdZl4_6CFUmctCFld7ojPMtA:1620141484458&source=univ&tbm=isch&q=The+real+map&client=firefox-b-d&sa=X&ved=2ahUKewjWyKqtqbDwAhWxH7kGHTc6D_sQjJkEegQIAhAB&biw=1252&bih=583
- ⁴²
- [https://thetruesize.com/#?borders=1~!MTIyNTk2NTM.MjkwOTgyNA*MzE0NzcwMjE\(Nzc2NDEzMQ~!CONTIGUOUS_US*MTM2NDc2NTk.MjQ5MzgZNDI\(MTc1\)MA~!IN*NjQ4NTg4Ng.MTAyMTI4MTY\)MQ~!CN*MTAyNTUwODg.MTA2Mzc4ODA\(MjI1\)Mg](https://thetruesize.com/#?borders=1~!MTIyNTk2NTM.MjkwOTgyNA*MzE0NzcwMjE(Nzc2NDEzMQ~!CONTIGUOUS_US*MTM2NDc2NTk.MjQ5MzgZNDI(MTc1)MA~!IN*NjQ4NTg4Ng.MTAyMTI4MTY)MQ~!CN*MTAyNTUwODg.MTA2Mzc4ODA(MjI1)Mg)
- ⁴³ GALEANO, Eduardo. **Ser como Eles**. Rio de Janeiro: Revan, 1993, p. 57.
- ⁴⁴ Ibidem.
- ⁴⁵ Sobre o qual, o Professor José Maria Souza Neto publicou um artigo muito instigante: SOUZA Neto, José Maria Gomes de. Amiano Marcelino e a Representação da Barbárie. **Cadernos de História UFPE**, V. 5, N 5, **Espaços Medievais**. 2009, pp. 35-55.
- <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/109987/21925>
- ⁴⁶ SAID, Edward, W. **Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- ⁴⁷ IRWIN, Robert. **For Lust of Knowing. The orientalisists and their enemies**. London: Penguin Books, 2007, p. 288.
- ⁴⁸ BISSIO, Beatriz. **O mundo falava árabe. A civilização árabe-islâmica através da obra de Ibn Khaldun e Ibn Battuta**. Rio de Janeiro : Civilização brasileira, 2012.
- ⁴⁹ SENAC, Philippe. **L'image de l'autre. Histoire de l'Occident médiéval face à l'Islam**. Paris : Flammarion, 1983.
- ⁵⁰ CATLOS, Brian A. **Kingdoms of Faith. A New History of Islamic Spain**. New York: Basic Books, 2018.
- ⁵¹ LIAUZU, Claude. **Empire du mal contre Grand Satan. Treize siècles de cultures de guerre entre l'Islam et l'Occident**. Paris : A. Colin, 2005.
- O Curso de Extensão: "Pensamento e Espiritualidade na Espanha islâmica", ministrado pelo Prof. Pablo Beneito da Universidade de Sevilha (Espanha), que organizei em colaboração com os Professores Lourival Holanda (Letras) e Witold Skwara (Filosofia) (3-9 de junho 2004), foi uma rara oportunidade para ouvirmos um islamólogo.
- ⁵² TERNON, Yves et Gérard CHALIAND. **1915, Le génocide des Arméniens**. Bruxelles: Complexe, 1981 (rééd. 1991, 2^e éd. 2006).
- ⁵³ IRWIN, Robert. **For Lust of Knowing. The orientalisists and their enemies**. London: Penguin Books, 2007.
- ⁵⁴ SAID, Edward, W. **Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- ⁵⁵ Leituras do Islã: o fundamento da Letra em Al-Andalus. **Cadernos de História UFPE. Espaços Medievais**, V. 5, N. 5, pp. 187-2010.
- <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/109992>

- ⁵⁶ **Cadernos de História UFPE. Espaços Medievais**, V. 5, N. 5, pp. 211-224. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/109993>
No mesmo volume, a Professora Marília Azambuja Ribeiro publicou um artigo intitulado O Orlando Furioso E Genealogia Mítica Da Casa D'Este. **Cadernos de História UFPE. Espaços Medievais**, V. 5, N. 5, pp. 91-115. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/110000>
- ⁵⁷ BARK, William Carroll. **Origens da Idade Média**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- ⁵⁸ Rogério Akiti Dezem tem uma obra extensa sobre esta questão. **Matizes do "Amarelo": a Gênese dos Discursos sobre os Orientais no Brasil (1878-1908)**. São Paulo: UNESP, 2005.
- ⁵⁹ BUC, Philippe. **Guerre sainte, martyre et terreur. Les formes chrétiennes de la violence en Occident**. Traduction de Jacques Dalarun. Paris : Gallimard, 2017.
- ⁶⁰ ALPHANDÉRY, Paul & DUPRONT, Alphonse. **La chrétienté et l'idée de Croisade**. Paris: Albin Michel, 1995.
- ⁶¹ DUBY, Georges. **Féodalité**. Paris: Gallimard, 1996.
- ⁶² FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. São Paulo: Elefante, 2019.
- ⁶³ SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil para a análise histórica. **Cadernos de História UFPE. Gênero e Trabalho**. V. 11, N. 11, 2016. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/109975>
- ⁶⁴ Ela publicou um artigo com título idêntico em **Cadernos de História UFPE. Espaços Medievais** V. 5, N. 5, 2008. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/109994>
- ⁶⁵ Hoje mestranda no PPGH, ela continua tanto o conhecimento da língua e cultura do Japão e as conexões com Pernambuco.
- ⁶⁶ **Cadernos de História UFPE Gênero e História**, V I, N. 1, 2002, pp. 23-68. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/110078>
- ⁶⁷ DABAT, Christine. Os Primórdios da Cooperativa Agrícola de Tiriri. **Clio Revista de Pesquisa Histórica**. No 23, Recife: Ed. Universitária UFPE, 2007, pp. 129-169. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24837/20110>
- ⁶⁸ PATLAGEAN, Évelyne. **Um Moyen Age Grec. Byzance, IXe - XVe siècle**. Paris : Albin Michel, 2007.
- ⁶⁹ Meus colegas José Bento Rosa da Silva e Luiza Nascimento dos Reis são os especialistas e tratam da África. Limite-me a realçar sua importância. Antes da sua chegada no nosso Departamento, tive o grande prazer de publicar um artigo do professor Wellington Barbosa (UFRPE-PPGH UFPE) intitulado Reinos Africanos na Idade Média, muito apreciado dos alunos. **Cadernos de História UFPE**, V. 5, N 5, **Espaços Medievais**. 2009, pp. 57-90.
- ⁷⁰ Segundo uma nova linha interpretativa interessante, desenvolvida, inclusive por europeus como Colin Wells, herdeiro, por sua vez, de uma linhagem de eminentes bizantinólogos como o clássico Runciman e seu discípulo Speros. WELLS, Colin. **De Bizâncio para o mundo**. A saga de um império milenar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. RUNCIMAN, Steven. **A Civilização Bizantina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- ⁷¹ DABAT, Christine. Linhagens literárias na representação negativa do campesinato. In: MONTENEGRO, Antônio Torres, GUIMARAES NETO, Regina Beatriz, ACIOLI, Vera Lúcia Costa (Orgs). **História, Cultura, Trabalho: questões da contemporaneidade**. Recife: EDUFPE, 2011, p. 153-175.
- ⁷² **Cadernos de História UFPE - Oficina da História**. V. IV No 4, 2005.
- ⁷³ Concluindo seu mestrado no Programa de Pós-graduação em Ensino da História na UFRPE.
- ⁷⁴ 2009.2. Ele publicou um aperçu deste trabalho em Os Migrantes Chineses do Açúcar: da produção em regime de economia familiar à 'plantation' caribenha. **Cadernos de História UFPE. Trabalhadores em Sociedades Açucareiras**. V. 6, N. 6, 2009, p. 294-317. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/110057>
- ⁷⁵ PPGH UFPE 2013.1 <http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11491>
- ⁷⁶ Anais do IV Encontro Estadual de História. Natal: EDUFRN, 2010.
- ⁷⁷ FRANKOPAN, Peter. **The Silk Roads. A new history of the world**. London: Bloomsberry, 2016.
- ⁷⁸ DROIT, Roger-Pol. **L'oubli de l'Inde**. Op. cit.
- ⁷⁹ THAPAR Romila. **A History of India**. Vol.1. New Dehli: Penguin Books, 1990.